ENSAIO

Luiz Francisco Rebello

O PALCO VIRTUAL

EDIÇÕES ASA

O PALCO VIRTUAL
© 2003, Luiz Francisco Rebello

Capa e Direcção Gráfica
Armando Alves

Composição
Ana Ferreira

Impressão e Acabamentos
GRAFIASA, S.A.

1ª edição: Setembro de 2004
Depósito legal nº 192 909/03
ISBN 972-41-3336-2
Reservados todos os direitos

ASA Editores, S.A.

SEDE
Av. da Boavista, 3265 – Sala 4.1
Telef.: 22 6166030 • Fax: 22 6155346
Apartado 1035 / 4101-001 PORTO
PORTUGAL

E-mail: edicoes@asa.pt
Internet: www.asa.pt

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Horta dos Bacelos, Lote 1
Telef.: 21 9533800/09/90/99
Fax: 21 9568051
2695-390 SANTA IRIA DA AZÓIA
PORTUGAL

ENSAIO

Luiz Francisco Rebello

O PALCO VIRTUAL

EDIÇÕES ASA

Índice

9 **Prólogo**

Textos e autores

15 Uma leitura plural do *Frei Luís de Sousa*
25 Drama, comédia e farsa no Teatro de Camilo
40 Um parêntesis na obra de Jaime Cortesão
45 Uma clarabóia na obra de Aquilino
53 Encontros de Ferreira de Castro com o Teatro
57 Régio, a "presença" e o Teatro
61 Teoria e *praxis* do Teatro em José Régio
68 O Teatro na obra de Torga
74 Evocação de Alves Redol, Dramaturgo
76 Uma tragédia sobreposta (*O Indesejado*, de Jorge de Sena)
80 O "veio estrutural" de Carlos Wallenstein
84 David, Autor dramático
88 Jogos de Tempos
91 Saramago: Teatro, Tempo e História
100 Alegoria, Mistério, Melodrama e Tragicomédia: o Teatro de Mário Cláudio
104 Tempo de novela e tempo de teatro na obra de Urbano Tavares Rodrigues
107 40 + 4, Soma e Segue
110 Uma história que parece de cordel (mas não é)
112 O Jogo do Teatro e da Vida

Tempos, lugares e modos da representação

117 A tragédia em Portugal antes do *Frei Luís de Sousa*
132 Da Arcádia ao advento do Romantismo
137 Do Romantismo ao Simbolismo
145 Vestígios do Expressionismo na Dramaturgia Portuguesa
154 Surrealismo (ou não) no Teatro Português
160 Para a História do Estúdio de Salitre

170 Panorama de (mais ou menos) um Século
170 I – 1900-1940
182 II – Os Anos 40
206 III – Os Anos 50
217 IV – 20 Anos de Dramaturgia Portuguesa (1974-1994)
221 Sobre espaços teatrais

Evocações Breves

227 Na morte de Eduardo Scarlatti
229 Da modelar infidelidade aos modelos
232 Quatro actores: Alves da Cunha, António Silva, Erico Braga, Mário Viegas

Final Jocoso

249 Um Congresso que dançava

ALEGORIA, MISTÉRIO, MELODRAMA E TRAGICOMÉDIA: O TEATRO DE MÁRIO CLÁUDIO*

No seu relacionamento com a escrita dramatúrgica, do ponto de vista da assiduidade, há três categorias de autores: aqueles para quem o teatro constitui uma dedicação exclusiva ou, em todo o caso, predominante; no extremo oposto, os que apenas tentaram uma eventual e episódica incursão nos seus domínios; e entre uns e outros, os que na sua obra mais ou menos equilibradamente partilharam o teatro com outros géneros e formas de expressão, o romance, a poesia, o ensaio, as artes plásticas. No nosso país, e neste século, não faltam os exemplos de qualquer destas três categorias. Para a primeira, logo ocorrem os nomes de António Patrício, Alfredo Cortez, Ramada Curto, Bernardo Santareno, Jaime Salazar Sampaio, que apeteceria designar por "dramaturgos a tempo inteiro" – ou quase. Por sua vez, dramaturgos "por acidente" como houve já quem lhes chamasse, terão sido Teixeira-Gomes, Pascoaes, Mário de Sá-Carneiro, Aquilino, António Botto, Miguéis, António Gedeão, David Mourão-Ferreira, mais recentemente Lídia Jorge e Maria Velho da Costa. Hesito em incluir Fernando Pessoa neste grupo, como aliás em qualquer outro, porque, embora nos haja deixado apenas uma peça completa, o "drama estático" *O Marinheiro*, e de si próprio dissesse ser "essencialmente um poeta dramático", o teatro assumiu, na sua obra como na sua vida, a característica particularíssima do "drama em gente, em vez de em actos" que foi a criação genial dos seus heterónimos. Por fim, na categoria intermédia, deparam-se algumas das personalidades mais ricas e poderosas das nossas letras contemporâneas, de Raul Brandão, José Régio, Jorge de Sena e Natália Correia a Agustina Bessa-Luís, José Saramago – e, precisamente, Mário Cláudio. Dos "dramaturgos por acidente," a omissão das aproximações ao teatro salvo num ou noutro caso pontual (Teixeira-Gomes e António Botto, por exemplo) – não afectaria significativamente a visão de conjunto da sua obra. Nestes últimos, seria redutora da sua grandeza.

Quando Mário Cláudio chegou ao palco, era já um escritor consagrado. A sua primeira obra teatral, *Noites de Anto*, estreou-se em 1988 na

(*) Texto lido na Cooperativa Árvore em 28 de Outubro de 1999 e publicado no "Jornal de Letras" de 14 de Junho de 2000.

Casa da Comédia, encenada por Filipe La Féria. Até esse ano, havia publicado – se não errei as contas – três livros de poesia e dez de ficção, um dos quais, *Amadeo*, obtivera o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores. Mas a experiência da escrita literária, por grande e rica que seja – e no caso de Mário Cláudio era-o, superlativamente –, pouco tem a ver com a escrita teatral. Não é este o lugar para desenvolver este tema; limitar-me-ei por isso a apontar, muito esquematicamente, que enquanto a primeira é horizontal, a segunda é vertical, que a palavra impressa se *lê* e no teatro se *ouve*. Como dizia Lorca, o teatro é "a poesia que se levanta do livro e torna humana".

Ora, se não me engano, uma das características da prosa de Mário Cláudio é a sua intensa e expressiva oralidade; o ritmo do seu discurso literário segue de perto o movimento do diálogo dramático. Isto o aproximava do teatro, e o primeiro acto desse encontro foi, desde logo, um acerto excepcional. A prova de que o dramaturgo, entrevisível no romancista, com ele coexistia.

Protagonista das *Noites de Anto* é, como do seu título se infere, o poeta do *Só*. Não faltam, na dramaturgia portuguesa, as obras que, por razões didácticas, biográficas ou circunstancialmente comemorativas, elegem para tema ou pretexto da acção uma personagem literária. Precursor terá sido Garrett, em 1838, com o *Auto de Gil Vicente*, cujo protagonista, aliás, é Bernardim Ribeiro. Cingindo-nos aos tempos mais próximos, quem não se recordará do *Judeu* de Santareno, dos dois *Bocages*, de Luzia Maria Martins um, de Romeu Correia o outro, da *Palmatória* deste último, que põe em cena Nicolau Tolentino, ou dos vários Camões e Garretts que os respectivos centenários inspiraram a Natália Correia, a José Saramago, a Jaime Gralheiro, a Agustina, entre outros?

Mas as *Noites de Anto* não se reconduzem ao modelo a que, com liberdade maior ou menor, todas estas peças obedecem. Mário Cláudio não se propôs – e quem tivesse lido *Amadeo* ou *Guilhermina* decerto não esperaria que o fizesse – reconstituir no palco a vida de António Nobre, ou um episódio da sua vida, como não havia feito em relação ao pintor de Manhufe ou à violoncelista portuense. Umas palavras do autor sobre a sua "alegoria" – como lhe chamou – põem-nos na pista certa; e daí que as cite. *Noites de Anto*, escreveu ele, "coloca em cena António Nobre debatendo-se com sete máscaras suas, quer dizer, com outras tantas imagens do seu rosto, reflectido no espelho de água do irremediável amor que a si mesmo, poeta e só, desesperadamente dedica". Dito então de outro modo, o que ao espectador vai ser mostrado não é a realidade aparente do poeta e